

O uso caminhado e a produção de domínio público social

(Walking and the production of the public realm)

Maria João Pereira Monteiro Gomes [*]
CICS.NOVA, FCSH/Universidade Nova de Lisboa
mjoaomgomes@fcs.unl.pt

Resumo

Um percurso caminhado é mais do que um acesso, mais do que um trajeto. Um percurso caminhado é construído através do tempo e do espaço permitindo a quem caminha experienciar o meio e fazer parte da paisagem urbana praticada. O ato de caminhar, à medida que o corpo se movimenta em constante interação com o ambiente intensifica a relação com os outros e com os territórios atravessados.

Pretende-se assim contribuir para a compreensão da complexidade do caminhar enquanto modo de aceder e participar na cidade, destacando-se a sua relação com o bem estar social colectivo.

Assente na teoria de Henri Lefebvre de produção do espaço, aborda-se o uso caminhado enquanto prática de produção do domínio social público. A partir deste conceito pretende-se operacionalizar a multidimensionalidade do caminhar na interpretação e produção da cidade.

Por fim a partir da noção do uso caminhado enquanto prática produtora de cidade sócio-espacial, pretende-se contribuir para a discussão teórica desta prática enquanto essência do conceito de cidade e considerar o seu valor na intervenção urbana.

Palavras-chave: Caminhar, Experiência caminhada, Plexo sócio-espacial, Produção sócio-espacial da cidade.

Abstract

A path is about more than access, or creating a trajectory. A path is constructed through time and space, allowing the walker to experience, and be part of the experienced urban landscape. The act of walking as the body moving and constantly interacting with the environment increases the awareness and connection with each other and with the space.

In this sense this proposal aims to contribute to the comprehension of the intricacy of walking, as a way of accessing and building urban complexity, highlighting its importance to the collective social well-being and to the quality life of the city inhabitants.

Grounded in Henri Lefebvre's theory of space production, the concept of the social-spatial production of the public realm is used to incorporate the multi-dimensionality of walking into the interpretation of the social production of the city.

By outlining the main arguments that determine the notion of the walking practice as a socio-spatial producer, it is aimed to contribute to a theoretical discussion of the value of this practice to the essence of the city as a place to live in, and initiate a discussion of its pragmatic significance to urban intervention.

Keywords: to walk, walking experience, social-spatial plexus, social space production.

Introdução [1]

O caminhar é um conceito plural composto por uma extraordinária variedade de atos e experiências, de modos de marcha, que se adaptam e geram o lugar atravessado. O ato de caminhar inclui o construir um percurso, o experienciar um todo linear acedido, o participar na cidade acedida (Gomes, 2016b).

Já Walter Benjamin (1979, p. 50), comparando uma estrada rural, caminhada e sobrevoada, faz o paralelismo com o texto lido e a sua reprodução manuscrita. Apenas quem caminha a estrada tem presente o poder e o modo como o percurso é construído e acedido, apenas quem escreve as palavras é submetido por elas. Também De Certeau (1998, p. 177; 1985, p. 124) aborda de um modo ímpar a riqueza do praticar a cidade fazendo um paralelismo com o ato da fala. A cidade olhada por troços que se acede quando se caminha, é a cidade praticada cujo material bruto são os caminhantes, cujos corpos, sem ler, seguem as linhas e os traços de um ‘texto’ urbano. Os praticantes da cidade caminham-na, percorrem espaços mais abertos, mais vazios sem nunca ver o todo. As linhas escritas, por cada percurso percorrido, geram uma malha entrecruzada, múltiplas histórias que se sobrepõem, compondo a cidade praticada.

A complexidade e valência da prática caminhada na produção social da cidade, aliada à sua aparente falta de coesão e aparente invisibilidade em termos de objecto a ser estudado, foi o ponto de partida e a motivação para esta reflexão teórica. Pretende-se assim contribuir para a compreensão do caminhar na cidade enquanto uso gerado e gerador de uma existência social colectiva essencial à cidade (Gomes, 2016b).

Inicia-se este artigo pela clarificação do conceito sócio-espacial de cidade, em particular a cidade de vida social pública colectiva, recorrendo-se a dois autores que, em diferentes épocas, focaram a cidade valorizando esta dimensão; Lewis Mumford e Lyn Lofland. Seguidamente foca-se o conceito de *Domínio social público* [2].

No seguinte capítulo aborda-se diferentes interpretações de realidades urbanas; dialécticas da cidade caminhada.

Por fim através da reapropriação do conceito de Lefebvre (1991) de *Produção Social do Espaço* em relação à cidade caminhada, abordar o caminhar enquanto prática produtora de *Domínio social público*.

1. A cidade sócio-espacial

Consideram-se duas abordagens à cidade, importantes para uma aproximação ao território sócio-espacial suporte da cidade caminhada: a primeira, de Lewis Mumford em 1937 e a segunda de Lyn Lofland em 1998.

Lewis Mumford (2011), no seu artigo *What is a City?* [3] define: “*A cidade, no seu conceito mais abrangente, é um plexos geográfico, uma organização económica, um processo institucional, um teatro de ação social, e um símbolo estético de unidade colectiva. A cidade fomenta arte e é arte; a cidade cria o teatro. É na cidade, cidade enquanto teatro, que as atividades humanas mais propositadas se focam e funcionam, através de indivíduos, acontecimentos ou grupos, em conflito ou cooperando, atingindo de um modo mais significativo os seus fins*”.

Este autor valoriza a cidade enquanto espaço humano individual e social. A cidade é abordada por um lado enquanto instituição e palco da ação social, definida enquanto conceito social, coleção de grupos primários (família e vizinhança) comum a todas as comunidades. Por outro lado, a cidade destaca-se pela dramaturgia social gerada pelas associações por propósitos, associações temporárias por motivos ou objectivos meramente funcionais, considerando esta dramaturgia social como as características diferenciadoras do meio urbano (Mumford, 2011).

A cidade física enquanto palco pode promover ou frustrar a vida social pública. O carácter físico da cidade, a sua unidade em termos de edificado e de urbanismo, gera uma referência simbólica relacional entre os seus habitantes, facilitando a expressão das funções sociais colectivas (Mumford, 2011).

Destaca-se agora Lyn Lofland (1998), que 61 anos mais tarde, focando com outra linguagem esta dramaturgia colectiva, considera que a cidade fornece, numa base permanente, um ambiente composto por pessoas

que não se conhecem – composto por estranhos, factor diferenciador decisivo das outras formas ocupação humana. Mundo de desconhecidos, gerado e gerador de uma geografia, de uma história e de uma cultura (definida enquanto normas de comportamento, valores estéticos e preferências) (Lofland, 1998).

Esta autora sistematiza a cidade enquanto coexistência dinâmica e móvel dos domínios privados (*Private Realm*), dos domínios apropriados ou de comunidade (*Parochial Realm*), e do domínio social público ou do uso colectivo (*Public Realm*) (Lofland, 1998, p. 14).

Dependente da cidade física, que a estimula ou dissuade, a cidade caminhada é no seu cerne a cidade colectiva do domínio social público: Fórum de expressão e representação política; Espaço neutral de interação social, comunicação; Palco de aprendizagem, desenvolvimento pessoal e troca, partilha de informação (Carmona *et al.*, 2005, p. 123).

2. O caminhar o domínio social público

2.1. O caminhar

O caminhar na cidade, embora abranja os diferentes domínios, surge enquanto prática sócio-espacial partilhada. A cidade da diversidade, do confronto de diferenças, da multiculturalidade, tão defendida por Jane Jacobs em 1961 no *Death and Life of Great American Cities*.

Este caminhar significa caminhar entre estranhos. Citando João Teixeira Lopes (2007, p. 71): “Ao caminhar encontro, encontro os outros, semelhantes ou radicalmente diferentes. Faço parte de uma espécie de comunidade efémera que mobiliza competências e recursos de negociação e ajustamentos identitários”.

A prática caminhada implica de um modo mais ou menos consciente uma constante reavaliação do meio físico e social acedido, de modo a garantir uma harmonização da interação com a envolvente. Este aspecto é muito evidente perante uma grande densidade

de caminhantes em que espontaneamente há um entendimento da obrigatoriedade funcional de sincronização do caminhar.

Quando as pessoas estão presentes com outras, elas funcionam como *instrumentos* comunicativos. Goffman (1966) denomina este tipo de regras *Propriedades Situacionais*, ou seja, as regras sociais que determinam concepções e modos de partilha de cada indivíduo, para uma determinada envolvência.

De um modo geral numa prática diurna, caminhar, por se associar à vertente funcional do uso quotidiano, é uma prática socialmente aceite. Ou seja, na rua o ato de ter destino envolve um objectivo exterior, um envolvimento dominante fora da situação. Em oposição, o estar sentado na rua ou o estar sem destino aparente é estranho e pode ser interpretado como tendo objectivo dúbios (Goffman, 1966).

Os caminhantes, através do direccionamento do olhar, da velocidade do passo, gerem a sua interação com os outros de acordo com a percepção de oportunidade e risco, de acordo com o que incomoda ou agrada. É neste confronto com o outro que coexiste momentaneamente no mesmo espaço, que se interpreta a diferença.

O caminhante da cidade caminha, em simultâneo, com um universo de desconhecidos. Olham-se, mesmo que subtilmente, mais ou menos conscientemente percebem-se, avaliam-se. Interpretam-se, categorizam-se. Goffman (1966) denomina por *Interação não dirigida* o tipo de comunicação que ocorre, quando o outro passa, e se tira informação com o olhar.

Coordenam-se para usar o espaço sem incidentes. Esta ausência de incidentes só existe porque existe uma cooperação na mobilidade, no uso físico do espaço, entre estranhos. Muito visível perante uma grande densidade de caminhantes, formam-se padrões, princípios de comportamento, uma coreografia de movimentos que surge de uma subtil interação entre caminhantes, que se movem, com uma intuitiva coordenação, gerada pela interpretação e expectativa de comportamento do outro. (Michael Wolf, 1973 in Lofland, 1998, p. 32, David Seamon 1979). Existe

uma cooperação tácita essencial ao fim comum, existem princípios, normas para coexistência e interação entre desconhecidos.

Perante o uso recorrente do mesmo espaço, tal como com o espaço em si, os estranhos, os desconhecidos passam a reconhecidos; ancoragens do que é expectável.

Pela reapropriação do termo de Michel Agier (2011, p. 91) a forma de *cidadinidade* do caminhante surge de cada implicação, ou engajamento situacional; as suas ações, interações e as suas representações são definidas a partir de uma dupla relação; relação do indivíduo com a cidade sócio-espacial e da relação com os outros, ou dos cidadãos entre si.

2.2. O território que se caminha

Há uma poética da cidade que se prende com a imagem rica, diversa, heterógena, divertida: a rua do imprevisto, da surpresa, do inesperado. A rua que encanta o turista, rica em termos sensoriais, com gentes, sons, cheiros intensos. Há a imagem dos filmes e das fotografias. A cidade da rua, enquanto espaço público heterogéneo, espaço de diversidade. A cidade que permite a cada indivíduo o seu uso livre.

Frequentemente, em termos de desejos e imaginários, o domínio social público funde-se com uma vitalidade imaginada do contexto urbano, que se prende por vezes com imagens idealizadas ou memórias que, na realidade contemporânea, e mesmo no passado, raramente existiram sem conflito, imposição ou mesmo violência.

A cidade que se acede é percebida, concebida e vivida por cada um numa relação individual e social com o espaço praticado. É um processo interativo de uso e construção de uma realidade. O modo como é interpretado, vivido ou evitado, varia em função dos modos de coabitação, estilos de vida dos grupos sociais e culturais, das identidades individuais e colectivas (Rouilleau-Berger, 2004, p. 67).

Propõem-se agora focar diferentes formas de ver, interpretar e experienciar a cidade. Modos distintos que, de acordo com a experiência individual, geram diversas realidades do que é a cidade. Direcções de evolução da própria cidade que promovem ou limitam o uso caminhado da mesma.

Consideram-se, sumariamente, três dialécticas socio-culturais centrais interligadas no entendimento da cidade social enquanto território caminhável:

a) *Acessibilidade vs. Restrição de acesso*

A priori, a rua existe enquanto espaço aberto, espaço de circulação e comunicação, espaço de direito. Espaço sobreposto de modo explícito ou implícito, com domínios apropriados, territórios de alguém. Espaço de encontro de estranhos, de socialidade positiva ou negativa.

Se idealmente é de acesso livre, na realidade existem sectores da sociedade que não acedem a determinados locais de cada cidade; há espaços onde explicitamente (ou implicitamente) há um controlo no seu acesso. Por vezes, existe um controlo simbólico, revelador do ‘tipo’ de indivíduos que são, ou não, bem-vindos (Carmona *et al.* 2005).

Inventam-se limites, fronteiras. Citando Bauman (2006, p. 72): “*Cada fronteira cria as suas próprias diferenças, atribuindo-lhes consistência e sentido*”.

Através da prática caminhada pelo contacto directo corporal individual com a cidade, cada indivíduo avalia e interpreta o espaço que atravessa, frequentemente diluindo fronteiras, familiarizando-se com a diferença, ancorando as suas rotinas e as suas expectativas no espaço repetidamente experienciado.

À medida que cada indivíduo caminha, conquista acessos, dilui receios, transpõe barreiras, sociais ou simbólicas, atenuam-se estigmas (Lopes, 2008, p. 79).

Numa cidade e numa sociedade tendencialmente mais fragmentada, o domínio social público promove a coexistência espacial de diferentes realidades sociais

b) Encontro, descoberta, aventura vs Insegurança e medo

Consoante as suas características socioculturais, experiências individuais, fase da vida e género, cada indivíduo usa, atravessa caminhando o domínio social público. A segurança percebida é um factor, determinante para a prática caminhada.

De acordo com a realidade socio-económica de cada cidade, mas também particularmente de cada indivíduo, de cada história de vida a relação com a rua diverge.

Para alguns o conceito de rua, deste espaço público genérico e omnipresente, surge associado à violência e ao medo, enquanto campo aberto de desigualdades sociais, reflexo de vulnerabilidades e de resistências; Um espaço de tensões e incertezas e de gente que se evita (Rouilleau-Berger, 2004). Para outros a rua é um espaço de liberdade individual, de descoberta.

Actualmente existe uma valorização ímpar da segurança, disseminando-se formas de controlo, mecanismos de cidadania vigiada, criando-se mecanismos de exceção, regulações securitárias e seletivas, que se vão transformando em algo, normal, aceite e hegemónico (Lopes, 2007, p. 70).

Se o sentimento de insegurança mina a aptidão de certas zonas das cidades para serem caminhadas num uso colectivo, o espaço controlado frequentemente mina a sua autenticidade, diversidade e capacidade para ser dinâmico e reinventado.

Como Zigmunt Bauman (2006, p. 9-65) quando existe uma crescente disposição para o medo, uma obsessão pela segurança a cidade é afectada. Assim aliado ao controlo da insegurança, tendem a surgir medidas que afectam o âmago do ser cidade – a espontaneidade, a surpresa, a descoberta, a versatilidade. Neste sentido, o autor afirma: *O que substitui a insegurança não é o êxtase da calma, mas a maldição do tédio.*

c) Anomia e indiferença vs Interação e tolerância.

A cidade enquanto espaço de uso colectivo heteróneo é para muitos o espaço de ninguém; Um espaço de passagem, onde o outro não existe enquanto indivíduo mas sim enquanto elemento da paisagem da cidade.

Citando Stanley Milgram (1970, p. 1462) [4]: *“a vida na cidade, como a experimentamos, constitui um contínuo confronto com o excesso, com a sobrecarga de estímulos, resultando em adaptações. Este excesso deforma a vida quotidiana em diversos níveis, interferindo negativamente no desempenho comportamental, na evolução de normas sociais, na função cognitiva e no uso de recursos”.*

O conceito e as consequências da sobre exposição ou estimulação proposto por Milgram, já surgira (embora com outro vocabulário) expresso em 1904 por Simmel, por Burgess em 1925 e por Wirth em 1938. De acordo com Milgram (1970, p. 1464), perante um excesso de *inputs* acima da capacidade de serem processados, gera-se um envolvimento moral e social restrito. Este fato, de acordo com o autor, não só afecta a gentileza dos gestos sociais (evoluindo em termos de simplificação e funcionalismo) como a confiança e a entejada entre estranhos (pelas inúmeras situações de carência com que se depara no quotidiano). Como exemplo extremo, este aborda uma situação em Nova York, em 1964, onde um crime é visto, sem que ninguém atue.

Outro aspecto mencionado em termos de comportamento e relações, também abordado por Wirth (1938), é a segmentação dos papéis e das relações de cada indivíduo na sociedade, e a menor dependência entre uns e outros, destacando-se a atitude *blasé* de envolvimento reduzido, ou a competição por recursos urbanos, como por exemplo os transportes públicos.

A cidade dos estranhos nem sempre funciona. Por vezes existe uma tendência de diluição de responsabilidade numa situação de ajuda. Frequentemente, a indiferença e a indiferença coexistem e a coexistência territorial de indivíduos diferentes não significa que tenha que haver uma interação direcionada entre os mesmos (Sennet, 1994, p. 357). Com o desenvolvimento do individualismo, o *domínio social público* é o espaço para

olhar o outro mais do que para interagir ou comunicar - para muitos, espaços visuais de silêncio (Sennet, 1994, p. 357).

Como Zigmunt Bauman (2006, p. 47) afirmou “*A fusão exigida pelo entendimento mútuo só pode resultar da experiência compartilhada e compartilhar a experiência é inconcebível se primeiro não se compartilhar o espaço*”.

3. O Caminhar e a produção de cidade

Com o intuito de entender a multidimensionalidade do uso caminhado e de objectivar a sua análise utiliza-se o conceito Lefebvre de *Produção Social do Espaço* para a prática caminhada.

O caminhar é abordado enquanto *ato*; experiência perceptiva do corpo que se move, que interage, que atua na rua, e o caminhar enquanto *uso* enquanto prática repetida, de coexistência física e social, (Frehse, 2009, p. 153).

Este conceito, desenvolvido por Henri Lefebvre, é uma noção triádica dialéctica da realidade social caracterizada por espaço, tempo e sociedade: o espaço, mais que uma realidade material, é interpretado enquanto produto social, enquanto ordem sincrónica da realidade social. O tempo enquanto ordem diacrónica, ou seja, processo histórico da produção social. O social, ou a sociedade, enquanto indivíduos com relações multissensoriais e afectivas com o espaço. (Schmidt, 2012; Lefebvre, 1991[1974]).

3.1. O ato de caminhar enquanto momento de produção de social de cidade

Cada ato de caminhar consiste numa fusão corporal e temporal entre o indivíduo e o território, entre o indivíduo e o todo que é a cidade. Cada passo tem uma unidade qualitativa; um modo de apreensão táctil e apropriação quinestésica. O movimento do andar é uma criação espacial que liga locais (De Certeau, 1985, p. 129).

Em cada experiência a cidade é percebida enquanto combinação das características e objectivos de cada indivíduo e o que o ambiente urbano proporciona.

A experiência existe sempre enquadrada numa realidade social e espacial, e existe no âmbito de uma captação seletiva de informações incorporadas nas memórias, nas rotinas, na corporalidade do uso repetido (Frias, 2001).

Henri Lefebvre aborda três dimensões fenomenológicas: o percebido, o concebido e o vivido. Três dimensões fundadas na experiência da produção do espaço.

Através da reapropriação destas dimensões, objectiva-se a experiência caminhada (Lefebvre, 1991[1974]): *Espaço caminhado percebido*, ou seja, apreendido multisensorialmente; *Espaço caminhado concebido*, condição associada ao antes e depois da experiência perceptiva e; *Espaço caminhado vivido*, ou seja, o espaço relação do sujeito com o mundo. Aspecto que se relaciona com a dimensão da afectividade.

Assim, mais de que um deslocamento na cidade, o ato de caminhar é uma ação composta pelo caminhante e o meio; uma experiência holística continuada que se estende ao longo do espaço e do tempo e através da qual cada pessoa conhece e constrói uma realidade. Os elementos sensíveis do ambiente urbano funcionam como referências no espaço e no tempo, referências de identidade e de alteridade. O espaço realiza-se a cada passagem sedimentando-se o conhecimento, conscientemente ou não, cada vez que se atravessa.

Para cada indivíduo o ato caminhado é um processo contínuo de relação com a sociedade e o espaço acedido. É uma confirmação de relação, de direito, de segurança que se reafirma ou se redefine em cada passagem.

A cidade realizada no ato caminhado não se cinge assim a uma materialidade concreta, mas a uma ambiência urbana experienciada, enquanto processo contínuo de reavaliação do carácter praticado e sensorial da percepção. Ou seja, espaço-tempo comprovado em termos sensíveis que assenta na experiência holística

continuada do meio, através da qual cada pessoa conhece e constrói a realidade (Tuan, 2007, p. 8; Thibaud, 2007, pp. 14-15).

3.2. O uso caminhado e a produção social da cidade

A produção social do espaço, mais de que uma forma universal, é uma realidade produzida num contexto de uma sociedade específica. A sua produção, de acordo com Lefebvre, surge da interconexão de três processos, da articulação de momentos de produção: *Prática espacial, Representações do Espaço e Espaços de Representação*. Assim através da reapropriação destes processos procura-se o entendimento da cidade caminhada enquanto processo de produção social (Schmidt, 2012, p. 12; Lefebvre, 1991 [1974], pp. 33-38):

A Prática espacial caminhada é a dimensão material da atividade e interações sociais. É a localização particular e cenário espacial característico de cada formação. Garante, a partir da continuidade do uso algum grau de coesão; Sedimenta a relação com o espaço e com a sociedade.

A dimensão das *Representações do espaço acedido* surge enquanto quadros de referência, factores organizadores da prática por conhecimento próprio, interpretação de códigos ou narrativas externas.

Por fim a dimensão do *Espaço de Representação*, a relação, o significado da atividade caminhada e do território.

Para cada indivíduo, cada percurso caminhado gera uma linha no território, gera um espaço linear já percorrido. Se na primeira passagem a cidade acedida é lida e avaliada em pormenor, procurando-se padrões, consistências, ao longo do tempo, à medida que o espaço é repetidamente usado, passa a fazer parte do caminhante, sendo, sobretudo, as alterações e os elementos estranhos que são registados. Cada vez que o indivíduo o repete, o percurso simplifica-se, passando a ser um conjunto de etapas associadas ao tempo – a cidade repetidamente acedida entranha-se na sua existência.

Cada caminhante vai gerando uma cidade individual, uma cidade sua, praticada quotidianamente ou enquanto visitante ou utilizador de fim-de-semana. Uma cidade que conhece e reconhece a cada passagem, que estranha e absorve a cada passagem. Visualmente, os outros e o espaço dos outros aproximam-se, perdendo estranheza.

Cada cidade individual tem uma forma que nada tem a ver com os mapas, tendo uma forma dinâmica que emana do uso e das escolhas, expandindo-se ou contraindo-se de acordo com as opções, e medos de cada um.

Assim, *a cidade caminhada é uma entidade dinâmica ativa, que existe num tempo e num espaço, ao nível individual e social. É a cidade concreta, praticada e deduzida pelo movimento e, em particular, pelo uso caminhado. É a cidade de relação feita e refeita ao longo dos tempos.*

4. A cidade caminhada enquanto plexo socio-espacial

A cidade, em particular na cidade compacta enquanto território coeso de espaços caminháveis, existe uma oferta ilimitada de possibilidades de constituição de um percurso, de deslocação pedonal contínua. O movimento faz-se por diferentes espaços que se interligam constituindo um corpo orgânico de fluxos e confluências, formado por espaços variados, em dimensão, forma e uso. O caminhar faz-se através de diferentes configurações da cidade, nomeadamente praças, praças, jardins, miradouros, arcadas ou mesmos edifícios ou/e espaços privados de uso público.

A cidade, ao balizar, modelar e promover o movimento pedonal, modela a sua leitura (Kohler, 2014).

Considera-se que cada cidade tem um *plexo sócio-espacial* gerado pelo uso pedonal; rede complexa de produção contínua, promovida e promotora da vida pública colectiva (Gomes, 2016a; Gomes, 2016b). Plexo, que semelhante ao fluxo sanguíneo, vai activando, dinamizando a cidade do domínio social público.

Conclusões ou Considerações Finais

O caminhar promove o olhar da cidade através de uma linha, um percurso que surge moldado pelos objectivos e características de cada indivíduo, pela topografia e geografias sociais do território. O caminhar de cada um forma linhas individuais que se sobrepõem ao longo do tempo, compondo tramas que unem a cidade e os seus espaços, cosendo territórios, permitindo romper fronteiras sócio-espaciais, que com o uso se diluem. O uso colectivo gera vida urbana, gera cidade pública, gera dinâmicas sócio-espaciais que associadas, ou não, ao uso quotidiano podem constituir oportunidades de ligação física e social do território.

Considera-se ter contribuído para a compreensão dos processos que geram e são gerados pelo uso caminhado. Processos sociais e individuais que contribuem para a formação de uma dimensão urbana – plexo sócio-espacial - enquanto produto do uso caminhado.

A cidade gerada pelo movimento pedonal, ou o plexo sócio-espacial, constitui assim uma força dinâmica agregadora do que é a cidade, cujo equilíbrio existe por uma partilha sociocultural de linguagens, significados, memórias e normas. É uma produção sócio-espacial contínua e dinâmica, uma realidade simultaneamente definida enquanto abstracção teórica e prática quotidiana.

O uso caminhado constitui assim uma força reativa à cidade segregada, hiperespecializada, mono funcional. Permite uma validação quotidiana da relação com a cidade pública. No espaço urbano cada vez mais segregado de acordo com a sua função, o movimento, mais do que uma transladação no espaço, relaciona elementos, liga as zonas, bairros entre eles (Orain, 1997, p. 99).

Considerou-se enquanto método de análise da multidimensionalidade do caminhar a teoria da *Produção do Espaço*. Esta abordagem permite o reconhecimento e dinamização da coexistência de práticas sociais, de significados e relações espaciais dos diferentes utilizadores do meio urbano (Corte-Real & Gomes, 2017).

A compreensão de valor da prática caminhada na cidade contemporânea, e o modo como esta prática influi na produção social de espaço, é uma perspectiva com potencial como ferramenta de análise sócio-espacial urbana.

Considera-se que o uso caminhado pode e deve ser encarado como uma ferramenta não só de diagnóstico, mas também de intervenção na cidade contemporânea, em particular explorando o seu potencial de despoletar dinâmicas de agregação espacial e social na cidade, contribuindo para uma mudança qualitativa da concepção e da vivência do espaço acedido e do todo inferido.

Referências Bibliográficas

- Agier, M. (2011). *Antropologia da Cidade: lugares, situações, movimento*. São Paulo: Edição Terceiro Nome
- Bauman, Z. (2006). *Confiança e Medo na Cidade*. Relógio d'Água Editores
- Benjamin, W. (1979). One Way Street. in *One Way Street and Other Writings*, (pp. 45-104). London. NLB
- Burgess, E. (1967). The growth of the City: An Introduction to a Research Project. in *The City*, (pp. 47-62). The University of Chicago Press
- Carmona, Mathew et al. (2005). *Public Spaces, Urban Spaces. The Dimensions of Urban Design*. Architectural press. Elsevier
- Corte-Real, M. & Gomes, M.J. (2017). Camilla Watson's public art intervention in Mouraria and its impact on the social production of public space. in P. Guerra, P. Costa & P.S. Nunes (Eds.), *Urban intervention, street art and public space*, (pp. 88-98). Urbancreativity.org, Disponível em URL: <http://www.Urbancreativity.org>
- De Certeau, M. (1998). *A invenção do quotidiano. Artes de Fazer*. Petrópolis: Editora vozes 3º edição
- De Certeau, M. (1985). Practices of Space. in *On Signs, Edited Marshall Blonsky*, (pp. 122-145). Baltimore: Jonh Hopkins
- Frehse, F. (2009). Usos da Rua. in C. Fortuna e R.P. Leite (org.), *Plural de Cidades: Novos Léxicos Urbanos*, (pp. 151-170). CES / Edições Almedina.

- Frias, A. (2001). Une Introduction à la ville sensible. in *Recherches en Anthropologie au Portugal*, 7-2001, 11-36
- Goffman, E. (1966). *Human Behaviour in Public Spaces: Notes on the Social Organization of Gathering*. New York: The Free Press.
- Gomes, M.J. (2016a). The Walked City and the Urban Social Plexus. In: *Proceedings of the International Congress on Interdisciplinarity in Social and Human Sciences*, (pp. 345-354), 5th-6th May 2016, University of Algarve, Faro, Portugal. CIEO – Research Centre for Spatial and Organizational Dynamics University of Algarve. Disponível em: https://sapietia.ualg.pt/btstream/10400.1/9888/1/Livro_Atas%20CIEO%202016.pdf
- Gomes, M.J. (2016b). *A Cidade Caminhada. A ambiência experienciada em duas visitas guiadas no centro histórico de Lisboa*. Tese de Doutoramento em Estudos Urbanos. Lisboa: FCSH-UNL e ISCTE-IUL
- Kohler, M. (2014). Walking Though Instead of Flying Over: A Way to See the Flux of Urbanization in Istanbul and Other Places?. in T. Shortell & T. Brown (ed.), *Walking in the European City*, (pp. 129-152). Ashgate Publishing Limited. England
- Lefebvre, H. (1991). *The Production of Space*. (trans. Steven Nicholson-Lord), Oxford: Blackwell
- Lofland, L.H. (1998). *The Public Realm. Exploring the City's Quintessential Social Territory*. NY: Aldine de Gruyter
- Lopes, J.T. (2007). Andante, andante: tempo para andar e descobrir o espaço público. *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 7/8(1), 69-80
- Milgram, S. (1970). *The Experience of Living in Cities*. Science, New Series, 167(3924), 1461-1468. Published by American Association for the Advancement of Science Stable. Disponível em URL: <http://www.jstor.org/stable/1728966>
- Mumford, L. (2011). *What is a City?* Architectural Record 82 (November 1937). Reprinted 2011 in *The City Reader*. Urban Reader Series. Routledge
- Orain, H. (1997). Du cote des Trajets-Types de mobilités quotidiennes. In J. Salvador (coord.), *Les Sentiers du Quotidien. Rigidité, fluidité des espaces sociaux et trajets routiniers en ville*, (pp. 97-120). Éditions L'Harmattan
- Rouleau-Berger, L. (2004). *La rue, miroir des peurs et des solidarités*. Sociologie d'aujourd'hui. PUF- Press Universitaires de France
- Schmid, C. (2002). A teoria da produção do espaço de henri lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. *GEOUSP espaço e tempo*, São Paulo, 32 (2012), 89-109. Disponível em <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2012.74284> 2012
- Seamon, D. (1979). *A geography of the lifeworld. Movement, Rest, Encounter*. London: Croom Helm
- Sennett, R. (1994). *Flesh and Stone. The Body and city in Western Civilization*. London: Faber and faber
- Simmel, G. (1986). Las Grandes Urbes y la Vida del Espiritu. in *El Individuo y la Libertad. Ensayo de Critica de la Cultura*, (pp. 247-261). Ediciones Peninsula
- Thibault, J.-P. (2007). Le devenir international de la notion d'ambiance: apports d'un dispositif experimental. In J.-P. Thibault (responsable scientifique), *Variations des Ambiances. Processus et modalités d'émergence des ambiances urbaines*, (pp.11-28). CRESSON Centre de Recherche sur l'Espace Sonore et l'Environnement Urbain UMR 1563 Ambiances Architecturales et Urbaines - Octobre 2007
- Tuan Yi-Fu. (2007). *Space and Place*. University of Minnesota Press. USA.
- Wirth, L. (1938). Urbanism as a way of life. *American Journal of Sociology*, 44 (1) (July 1938)

Notas:

[*] Investigadora do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS.NOVA), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

[1] O presente artigo é uma adaptação de uma parte da tese de doutoramento: Gomes, M. J. (2016). *A cidade caminhada: A ambiência experienciada em duas visitas guiadas no centro histórico de Lisboa*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa/ ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.

[2] Tradução da autora de: *Public Realm*.

[3] Tradução da autora de: *The city in its complete sense, then, is a geographic plexus, an economic organization, an institutional process, a theater of social action, and an aesthetic symbol of collective unity. The city fosters art and is art; the city creates the theatre. It is in the city, the city as theater that man's more purposive activities are focused, and work out, through conflicting and coo-*

perating personalities, events, groups, into more significant culminations (Mumford 1937, publicado em *Architectural Record in City Reader*: 93).

- [4] Tradução da autora de: *City life, as we experience it, constitutes a continuous set of encounters with overload, and of resultant adaptations. Overload characteristically deforms daily life on several levels, impinging on role performance, the evolution of social norms, cognitive functioning, and the use of facilities.* Stanley Milgram (1970) pag. 1462.